

## A DIDATIZAÇÃO DO JORNAL IMPRESSO NUM CONTEXTO DE FORMAÇÃO DOCENTE

Eliana Merlin Deganutti de BARROS<sup>5</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta resultados parciais dos estudos desenvolvidos no projeto de pesquisa “Os gêneros do jornal como objeto da transposição didática”, em curso na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP – *campus* de Cornélio Procópio), o qual tem como objeto de investigação ações desenvolvidas no subprojeto “Letramentos na escola: práticas de leitura e produção textual” do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID-Capes). Tanto o projeto de pesquisa como o subprojeto PIBID são pautados nos estudos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), tendo como escopo questões que envolvem a transposição didática de gêneros do jornal. Uma das ações do subprojeto contempla a *construção colaborativa* de sequências didáticas de gêneros (SDG) que dão suporte a um jornal escolar, fruto da parceria entre duas escolas envolvidas no PIBID. Para esta comunicação, o objetivo é apresentar análises da didatização do objeto “jornal impresso” no processo de formação docente, tomando como foco a passagem dos saberes teóricos aos saberes a ensinar, sob a mediação da metodologia que subjaz a engenharia didática criada pelo ISD. Destaca-se a importância de tornar o jornal como objeto unificador de projetos de ensino que desenvolvem múltiplos letramentos e o protagonismo infanto-juvenil.

PALAVRAS-CHAVE: jornal escolar; sequência didática; formação docente.

### Introdução

Este trabalho apresenta resultados parciais dos estudos desenvolvidos no projeto de pesquisa “Os gêneros do jornal como objetos da transposição didática”, em curso na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP – *campus* de Cornélio Procópio), o qual tem como objeto de investigação ações desenvolvidas no subprojeto “Letramentos na escola: práticas de leitura e produção textual” (eixo 2: gêneros do jornal) do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID-Capes). Os dois

---

<sup>5</sup> UENP, *campus* de Cornélio Procópio, Centro de Letras, Comunicação e Artes, Curso de Letras-Português/Inglês. Rua Profa. Delvina Borges, 85, CEP 86.050-700, Londrina, Paraná, Brasil, [edeganutti@hotmail.com](mailto:edeganutti@hotmail.com).

projetos são pautados nos estudos do Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD – Bronckart, 2003; Schneuwly; Dolz, 2004a), tendo como escopo as questões que envolvem a transposição didática de gêneros textuais.

Por ser uma pesquisa qualitativa participativa, já que coordenamos o subprojeto PIBID no qual os dados de pesquisa são gerados, procuramos nos distanciar, como pesquisadora, para investigar os processos de transposição didática realizados para a didatização do objeto “jornal impresso” e a construção colaborativa de um jornal escolar – o Jornal PIBID, o qual, em 2014, teve sua Primeira Edição.

Para este artigo, objetivamos trazer à tona a relevância do jornal escolar como objeto unificador de projetos de ensino que desenvolvem *letramentos múltiplos* (Rojo, 2009), apresentando algumas estratégias de didatização do objeto “jornal impresso” que possibilitam que esse se transforme em um jornal escolar voltado para as necessidades específicas de um contexto escolar, no caso analisado, do contexto de desenvolvimento do subprojeto PIBID/UENP.

### **Os gêneros do jornal como objetos de pesquisa**

Atualmente os gêneros da esfera do jornal têm sido abordados por vários pesquisadores da área dos estudos aplicados da linguagem preocupados com a sistematização do conceito de gêneros para os estudos da discursividade jornalística, assim como com as questões que envolvem a inserção de tais objetos em processos de letramento escolar. Entre esses estudiosos podemos citar Bueno (2011), que desenvolveu pesquisas com gêneros jornalísticos da mídia impressa no livro didático, Bonini (2003), que desenvolve projetos voltados para o estudo dos gêneros do jornal, e Cunha (2010), que trabalha o jornal escolar sob a ótica dos gêneros textuais.

Bonini (2003) fez uma extensa pesquisa sobre os gêneros do jornal – conceitos, classificações –, tomando por base textos teóricos da área da comunicação, manuais de estilo de jornais de grande repercussão nacional e dicionários de comunicação, a fim de chegar a um inventário dos gêneros jornalísticos. Segundo o pesquisador, “a literatura da área de comunicação, em sua maioria, trabalha com um conceito de gênero já ultrapassado em outros campos do debate acadêmico”. Isso é fácil de exemplificar quando se observa a classificação de Dias et al. (1998) para notas, notícias, reportagens,

entrevistas. Para os autores, esses gêneros configuram-se como formas do *gênero* “informativo”. É nítida a divergência com as teorias de natureza interacionista, como as de Bakhtin (2003) e Bronckart (2003), segundo as quais o gênero não se reduz a uma “forma”, mas a (re)configurações de práticas linguageiras situadas e determinadas tanto por fatores linguísticos como extralinguísticos (contextuais/funcionais). O que Dias et al. (1998) tomam como gênero, nós, dos estudos aplicados da linguagem, conceituamos como “tipologia” – essa, sim, centrada em aspectos formais da linguagem.

Outra situação observada nas classificações do campo do jornalismo é a clássica divisão entre informação e opinião (cf. Melo, 1985). Em nossa pesquisa, não diferenciaremos jornalismo informativo de opinativo. Acreditamos ser essa uma questão muito relativa na discursividade atual do jornal, uma vez que há uma tendência natural de imbricamento entre a informação e a opinião, tirando a “pureza” discursiva que tradicionalmente caracteriza os textos classificados como “informativos”.

De uma maneira geral, os jornais pregam o compromisso com a “neutralidade” da informação e se utilizam de expedientes linguísticos para tanto, evitando, por exemplo, o uso dos adjetivos. Entretanto, mesmo lançando mão da linguagem referencial ou explicativa, acabam por revelar seus posicionamentos. A escolha das palavras, nesse caso, é fundamental (Faria; Zanchetta Jr., 2007:17).

Dessa forma, entendemos que não é possível classificar os gêneros a partir da dicotomia informação/opinião, já que temos de compreender sua prática discursiva no funcionamento do jornal.

Para auxiliar o desenvolvimento do nosso subprojeto PIBID, assim como de nossas pesquisas direcionadas às ações empreendidas por esse subprojeto, adaptamos a categorização proposta por Bonini (2003) para o trabalho com a discursividade de parte da esfera jornalística, como demonstra o Quadro a seguir.

Quadro 1: Rede conceitual para o trabalho com os gêneros da esfera jornalística

|   |  |
|---|--|
| <b>Gêneros da atividade<sup>6</sup> jornalística:</b> estão presentes no ambiente de produção do jornal (reunião de pauta, coletiva, entrevista de campo...).   | <b>Gêneros do jornal:</b> ocorrem no jornal (editorial, notícia, carta do leitor, reportagem...).  |
| <b>Gêneros centrais:</b> estão diretamente relacionados à organização e aos principais objetivos do jornal – relatar, prever e analisar acontecimentos (notícia, reportagem, editorial, resenhas de arte, roteiros...). | <b>Gêneros periféricos:</b> ligados a propósitos que tangenciam os objetivos centrais do jornal, como os de promover produtos, pessoas, serviços; entreter; cumprir normas legais, etc. (classificados, propagandas, cruzadas, tirinhas...). |
| <b>Gêneros autônomos:</b> são os que aparecem como  | <b>Gêneros conjugados:</b> ocorrem como  |

6 Para saber mais sobre gêneros da atividade, ver Clot (2007).

|  |  |
|--|--|
| textos independentes (de outros textos ou de colunas/painéis do jornal), embora também possam se mesclar (notícia, reportagem, resenha, carta do leitor...). | apêndice/complemento de gêneros autônomos, principalmente da reportagem (infográfico, foto/legenda, ficha técnica...) ou vinculados a colunas/painéis. |
|--|--|

Fonte: adaptação de Bonini (2003:221)

Essa proposta de Bonini (2003) parte da funcionalidade do gênero no contexto jornalístico: “estas divisões não são categorias que explicam o gênero, mas o processo social e de linguagem em que ele está envolvido. Tenta-se, desse modo, descrever o gênero pelo modo como ele funciona no jornal.” (p. 222). Na nossa adaptação não consideramos a diferenciação feita pelo autor entre gêneros presos (estruturam o jornal) e livres (fazem o jornal funcionar), pois além de entendermos que não são relevantes para a pesquisa de cunho didático, como é a nossa, essas categorias poderiam confundir nosso auditório imediato – professores de sala de aula.

No caso dos gêneros autônomos e conjugados, também fizemos uma adaptação, visto que utilizamos esses conceitos para determinar a subordinação não somente a outros gêneros como a colunas/painéis do jornal. É preciso esclarecer que a classificação em autônomo ou conjugado depende da funcionalidade específica de cada veículo jornalístico e de cada texto singular, pois um gênero pode funcionar como autônomo num contexto – uma entrevista publicada em um Caderno Cultural – e conjugado em outro – uma entrevista publicada como apêndice de uma reportagem. Na perspectiva adotada pela nossa pesquisa, um gênero também pode ser conjugado a um espaço fixo dentro do jornal. Por exemplo, um determinado gênero pode funcionar, num Caderno, de forma autônoma em relação à estrutura geral do jornal e, em outro, conjugado a uma coluna – ou seja, fixo a esse espaço.

Ressaltamos que não consideramos a *coluna* um gênero, como o fazem alguns estudiosos como Fontana, Paviani e Pressanto (2009), mas um espaço fixo dentro do jornal, geralmente estruturado verticalmente,<sup>7</sup> com título recorrente, podendo ser assinado ou não. Assim, uma mesma coluna pode receber gêneros diferentes, sendo assinada ou não. Em uma das frentes do nosso estudo, esse fato foi detectado na análise do jornal *Folha de Londrina*, o qual publica, na sua coluna “Seus Direitos”/“Sua Saúde”, ora uma *resposta instrucional* ora uma *resposta explicativa*.

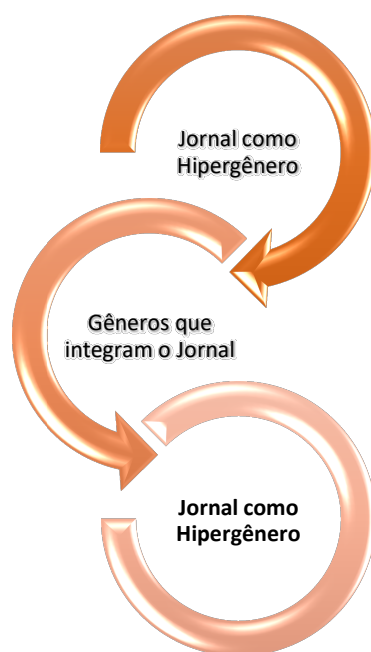
Para tratar do jornal, o tomamos, da mesma forma que Bonini (2003), como um *hipergênero*, mas também como um *suporte*, isto é, um lócus físico ou virtual com

---

7 Quando o texto não é disposto verticalmente, geralmente, o espaço é denominado “painel”.

formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado em texto (Marcuschi, 2008). Entendemos que o jornal é um artefato que pode ser visto por prismas diferentes, pois não deixa de ser um suporte físico para a veiculação de inúmeros gêneros, mas também pode ser visto como um enunciado macro que se constitui a partir da articulação de gêneros diversos (como acontece com a revista, o livro didático, a home-page, etc.): “o que ocorre no jornal é a intercalação de enunciados plenos no hipergênero”. Essa noção de hipergênero é fundamental para entender o funcionamento do jornal, uma vez que pressupõe não somente a “acomodação” de gêneros plenos, como a noção de suporte indica, mas a presença de enunciadores (editores) que pensam na funcionalidade geral, plena do jornal. Dessa forma, para que esse artefato discursivo cumpra os objetivos propostos para as interações a que ele se propõe, muitas ações são tomadas, por exemplo, em relação ao *layout*, à seleção das matérias e chamadas da capa, à disposição dos textos, etc. Há, nesse sentido, uma situacionalidade que age de forma coercitiva na produção desse jornal como um todo, e que acaba influenciando a discursividade dos gêneros plenos que integram esse hipergênero. O que há, na verdade, são “forças” que agem dos dois lados: do hipergênero (jornal) aos gêneros plenos (que integram o jornal) e vice-versa; como ilustramos na figura abaixo:

Figura 1: O jornal como um hipergênero



Consideramos, portanto, o jornal um suporte que funciona como um hipergênero integrador de vários gêneros, os quais estão em uma relação de interação mútua com seu hipergênero, um agindo discursivamente sobre o outro. Da mesma forma, adotamos o termo *subsuporte*, ou seja, dentro do suporte maior – o jornal – temos outros subsuportes que fixam determinados gêneros. Um exemplo claro é a coluna. Outros subsuportes são as Seções e os Cadernos do jornal, que servem como organizadores temáticos e também textuais, uma vez que cada um(a) está apto(a) a receber gêneros/textos pré-determinados pela editoria jornalística. Dessa forma, cada subsuporte acaba se dirigindo a um público específico: aquele que se interessa pelos conteúdos e temas veiculados, ou seja, que tem um perfil próprio, já previsto pelo veículo jornalístico. Hoje é muito comum o “leitor seletivo” de jornal, aquele que busca informações precisas, por isso a importância das editorias especializadas.

Os gêneros do jornal são imbuídos de conteúdos, informações, objetivos advindos de diferentes esferas sociais – do entretenimento, artística, política, etc. Algumas esferas estão imbricadas no jornal pelo viés temático, como é o caso da política, economia, sem, contudo, abandonar os propósitos jornalísticos de base – relatar, prever e comentar fatos/objetos da atualidade. Já outras entram no jornal de forma periférica, articulando objetivos secundários para o jornalismo. Como exemplo, podemos citar a esfera do entretenimento, que “empresta” para o jornal gêneros como a tirinha, cruzada, sudoku, etc.; e a publicitária, que veicula no jornal os gêneros “anúncio comercial” e “classificado”. O que se percebe no jornal é uma hibridização discursiva, temática e funcional, o que o potencializa como um significativo objeto/instrumento de ensino da língua, levando-se em consideração que, na atualidade, espera-se que a escola adote uma perspectiva de *letramentos múltiplos* (Rojo, 2009).

### **O jornal escolar como objeto de projetos de ensino da língua portuguesa**

Freinet (1974), um dos pioneiros na proposição do jornal escolar como ferramenta de ensino, pontua a urgência de a escola se modernizar, numa tentativa de acompanhar as rápidas transformações ocorridas na sociedade, entre elas, a forma como nós nos relacionamos com a linguagem e seus instrumentos mediadores. Passadas mais de quatro décadas depois da publicação do seu livro *O Jornal Escolar* (Freinet, 1974),

muito pouco se avançou aqui no Brasil em relação à concretização dessa “modernização”, mesmo depois da publicação de documentos norteadores do ensino em níveis federal e estadual (Brasil, 1998, 2006; Paraná, 2008) que tentam direcionar a didática da língua materna para um viés mais social, pautada, sobretudo, na noção de *letramentos múltiplos* (Rojo, 2009).

O jornal escolar (impresso ou digital) ainda é uma realidade esporádica em alguns contextos escolares, surgindo, sobretudo, em situações que envolvem a pesquisa acadêmica ou projetos de ensino ou extensão promovidos pela Academia, como é o caso do trabalho desenvolvido por Cunha (2010), que se fundamenta na noção de *projetos de letramento* (Kleiman, 2000; Kleiman, 2005; Oliveira; Tinoco; Santos, 2011).

Para Bonini (2011:150), o jornal escolar é um dos “instrumentos mais apropriados para o desenvolvimento da metodologia dos projetos didáticos [...] como uma das formas centrais de trabalho com a linguagem na escola”. Quando o autor menciona “projetos didáticos, lembra que essa estratégia de ensino da língua portuguesa é sugerida, inclusive, pelos PCN (Brasil, 1998). Dolz (2009), ao propor 14 “chaves” para o ensino da produção escrita, ou seja, aquilo que é primordial para que esse ensino se realize de modo satisfatório, traz, logo de início, a seguinte chave: “praticar a escrita em projetos”. Para pesquisador genebrino, escrever se aprende escrevendo em situações “reais”, sendo que isso exige tempo e projetos que tenham certo fôlego. Evidentemente, quando se coloca o jornal escolar no interior de um projeto de ensino da língua, não é possível tomar como foco apenas o ensino da escrita, foco do interesse de Dolz (2009) no texto citado, já que a mobilização de gêneros jornalísticos suscita, com certeza, um trabalho voltado tanto para a escrita como para a leitura, oralidade e análise linguística. Por outro lado, entendemos, assim como Geraldi (2003), que a produção de textos (orais e escritos) pode ser o ponto de partida e o ponto de chegada de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua. Segundo o autor,

Centrar o ensino na produção de textos é tomar a palavra do aluno como indicador dos caminhos que necessariamente deverão ser trilhados no aprofundamento quer da compreensão dos próprios fatos sobre os quais se fala quer dos modos (estratégias) pelos quais se fala. (Geraldi, 2003:165).

Na visão defendida, o trabalho com o jornal escolar é uma oportunidade de levar a língua na sua completude sociodiscursiva para o interior da sala de aula e de promover *letramentos múltiplos* (Rojo, 2009), partindo do pressuposto de que esse jornal escolar pode ser o *objeto unificador* de projetos de ensino centralizados no trabalho com a

produção de textos de gêneros que circulam nos jornais. Como Geraldí (2003) traz em sua citação, essa centralidade na produção traz, evidentemente, a necessidade de um trabalho com a compreensão textual (sobre o que se diz) e com a análise linguística (estratégias para se dizer o que se diz). Ou seja, quando o ponto focal do projeto é a produção de textos que realmente circulam na sociedade, que nascem de práticas sociais autênticas, como é o caso dos gêneros veiculados pelo jornal, as demais modalidades do ensino da língua surgem naturalmente como consequência das atividades didáticas. Isso porque, para se produzir um texto é preciso *ter o que dizer* e, para isso, o aluno deve buscar esse “conteúdo” na leitura de diversos textos, de diversos gêneros; ele também deve ler e analisar vários exemplares do gênero que vai produzir, pois precisa se apoiar em “modelos” pré-existentes para saber os modos de funcionamento linguístico-discursivo do objeto de referência. Segundo Vigotski (2008), o primeiro estágio do aprendizado pressupõe a busca por “modelos” do objeto do saber. Nesse estágio, a “imitação” é uma ação natural, mas não estanque, uma vez que, no processo de desenvolvimento, a partir de intervenções mediativas diversas (escolares ou não escolares), que podem ser realizadas com diferentes ferramentas, o indivíduo tem a oportunidade de se autorregular, criando autonomia para o agir.

Essa visão é corroborada pela metodologia das *sequências didáticas de gêneros*<sup>8</sup> (SDG) (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004) desenvolvida pelo Grupo de pesquisadores da Universidade de Genebra, da qual lançamos mão para desenvolver as ações propostas para o eixo 2 do subprojeto PIBID/UENP “Letramentos na Escola: práticas de leitura e produção textual”. O objetivo desse subprojeto é desenvolver ações no âmbito da *transposição didática externa e interna* voltadas para a produção de um *jornal escolar colaborativo*. Para este artigo, o foco são as ações realizadas no ano de 2014, as quais culminaram com a publicação da Primeira Edição do Jornal PIBID.

### **O projeto colaborativo de produção do jornal PIBID**

Como mencionado, consideramos o jornal como um suporte de textos jornalísticos que mobiliza subsuportes – Seções, Colunas, Painéis, Cadernos –, mas que

---

8 Acrescentamos “de gêneros” à expressão “sequência didática” para especificar o procedimento criado pelo ISD para a didatização dos gêneros de texto, visto que a expressão “sequência didática” por si só é bastante genérica, sendo utilizada por áreas diferentes do saber.



também funciona como um hipergênero que integra diversos gêneros textuais – reportagem, notícia, crônica, sinopse de filme, etc. Quando se planeja fazer a *transposição didática* (Chevallard, 1984) desse objeto social de referência, ou seja, produzir um *jornal escolar*, é preciso levar em consideração o funcionamento dos seus gêneros e subsuportes, mas também os objetivos didáticos do contexto de realização do projeto de ensino e aprendizagem.

Essa “quebra” natural do objeto de referência faz com que, no projeto de didatização do jornal, pense-se, entre outras coisas: 1) na seleção dos gêneros que irão compor o jornal; 2) na distribuição desses gêneros dentro do jornal escolar, levando em consideração os subsuportes (caso eles sejam mobilizados); 3) nos conteúdos temáticos dos textos (selecionados pelos alunos, pelo professor ou emergidos do cotidiano escolar?); 4) em metodologias e estratégias de ensino e aprendizagem dos gêneros; 5) na dinâmica das produções textuais (textos individuais ou coletivos?); 6) em critérios para escolha dos textos dos alunos (numa sala de 30 alunos, por exemplo, como escolher a produção que vai ser veiculada no jornal?).

No nosso caso, a princípio, já tínhamos a metodologia de trabalho, as SDG, pois o subprojeto PIBID foi fundamentado teoricamente, *a priori*, nos estudos do ISD, o qual adota a SDG como ferramenta metodológica para o ensino da língua, com ênfase, como vimos, na produção textual. Foi a partir do embasamento teórico trazido pelos pesquisadores de Genebra, em articulação com estudos acadêmicos brasileiros voltados para a problematização da noção de gênero como objeto de ensino da língua, que organizamos as ações do nosso subprojeto PIBID no ano de 2014.

No nível estrutural, o subprojeto trabalhou, em 2014, com duas escolas estaduais, duas professoras da Educação Básica (denominadas pelo PIBID como “professoras supervisoras”), além de treze alunos da Graduação em Letras da UENP (dez bolsistas e três voluntários) cursando o 1º, 2º, 3º ou 4º ano.

Para dar conta do objetivo maior do subprojeto PIBID, o de viabilizar o projeto do jornal escolar, foram planejadas algumas ações, levando-se em conta tanto a formação dos treze alunos e das duas professoras como a execução das atividades didáticas de sala de aula, como podemos visualizar pela síntese trazida pelo Quadro 1.

Quadro 2: Atividades do subprojeto PIBID no ano de 2014

| Período                             | Atividades   |
|-------------------------------------|--|
| Primeiro semestre de 2014           | 1) leituras diversas (produção de fichamentos e material-suporte para seminários) para discutir, semanalmente, as questões teórico-metodológicas que fundamentam o subprojeto; 2) observação do contexto de intervenção; 3) realização de oficinas de leitura do jornal <i>Folha de Londrina</i> no lócus da intervenção; 4) pesquisa e elaboração de <i>modelos teóricos</i> (BARROS, 2012) e <i>didáticos</i> dos gêneros selecionados para fazer parte do jornal escolar; 5) oficinas de elaboração de gêneros do jornal. |
| De junho a agosto de 2014           | Elaboração das sinopses das SD e dos seus dispositivos didáticos   |
| De 18 de agosto a 7 de novembro     | 1) intervenção nas salas de aula das turmas envolvidas no subprojeto; 2) planificação das SDG, a partir de uma linguagem instrucional, uma vez que, ao final, elas são transformadas em um caderno pedagógico a ser distribuído na rede pública de ensino da região.   |
| De agosto a dezembro                | Elaboração de cadernos pedagógicos, com textos instrucionais para professores, com a sistematização das sequências didáticas produzidas.   |
| Durante as atividades do subprojeto | Produção de diários reflexivos sobre as ações desenvolvidas.   |

Para realização do projeto do *jornal escolar colaborativo*, os alunos-pibidianos foram divididos em quatro grupos, dois para cada escola (escolas A e B). Dessa forma, cada professora-supervisora ficou responsável por dois grupos e, cada grupo, por um ou mais gêneros como objeto de ensino. A intenção foi realizar um projeto de ensino de forma colaborativa – escolas e turmas diferentes. O sistema de colaboração foi fundamental para que o projeto se concretizasse, pois precisávamos dar conta da didatização de vários gêneros jornalísticos que seriam veiculados pelo jornal escolar. Para ilustrar a sistematização realizada para a concretização do projeto do jornal escolar colaborativo, trazemos um quadro com a organização pedagógica do projeto, destacando a seleção dos gêneros integradores do Jornal PIBID Primeira Edição e a sua distribuição nos grupos que fizeram parte da rede colaborativa:

Quadro 3: Organização pedagógica do projeto colaborativo do Jornal PIBID

|                                       | <b>Grupo 1<br/>Escola A</b>   | <b>Grupo 2<br/>Escola A</b>   | <b>Grupo 3<br/>Escola B</b> | <b>Grupo 4<br/>Escola B</b> |
|---------------------------------------|---|---|-----------------------------|-----------------------------|
|                                       | 8º ano A  | 8º ano B  | 7º A                        | 7º A                        |
| <b>Gêneros autônomos trabalhados</b>  | Carta do leitor, Carta ao editor, Agendamento, Anúncio publicitário comercial, Anúncio classificado | Reportagem temática, Enquete, Sinopse de filme comentada, Horóscopo                       | Artigo de opinião           | Crônica humorística         |
| <b>Gêneros conjugados trabalhados</b> |   | Infográfico e Foto/Legenda (conjugados à Reportagem), Ficha técnica (conjugada à Sinopse) |                             |                             |

Na escola A, localizada em ponto central da cidade, com alunos oriundos de ambientes mais letrados, o objetivo foi desenvolver projetos de ensino distintos, em duas turmas diferentes do 8º ano. Na escola B, localizada na periferia e com alunos com carência de letramentos mais prestigiados socialmente, o objetivo foi desenvolver, em uma mesma turma de 7º ano, duas SDG distintas, de forma paralela, ou seja, uma em cada dia da semana.

Assim, em cada Grupo seriam desenvolvidos projetos de ensino específicos, com gêneros diferentes, mas de forma que os quatro se articulassem ao projeto colaborativo do jornal escolar. Essa estratégia, de certa forma, viabilizou a construção do jornal PIBID, já que diluiu a produção dos textos entre os quatro *locus* didáticos, além de promover o diálogo entre turmas diferentes de uma mesma escola, assim como entre instituições escolares distintas.

Para a seleção dos gêneros, as noções desenvolvidas por Bonini (2003) de *gêneros autônomos e conjugados*, *gêneros centrais* (Carta do leitor, Carta ao editor, Agendamento, Classificado, Reportagem temática, Artigo de opinião) e *periféricos* (Enquete, Sinopse de filme comentada, Horóscopo, Agendamento, Anúncio publicitário comercial) foram fundamentais, pois possibilitou discutir e construir um panorama geral do jornal (hipergênero) que iríamos produzir.

### **O Jornal escolar: didatização de um hipergênero**

Quando se tem como objeto unificador do processo de ensino não um gênero de texto, mas um hipergênero, como é o caso do jornal, é preciso, antes de pensar na modelização dos gêneros que integram esse hipergênero, estabelecer um modelo didático do jornal escolar a ser construído. Entretanto, para isso, é preciso também ter um modelo teórico de referência (BARROS, 2012) do que seja um jornal para dar respaldo ao processo de didatização. No caso da pesquisa em questão, o modelo teórico teve como referência o jornal *Folha de Londrina*. Essa escolha se deu pelo fato de esse jornal ser objeto de investigação no projeto de pesquisa que desenvolvemos, uma vez que possui um programa de incentivo ao letramento escolar, conhecido como Folha Cidadania. Uma das ações desse programa é justamente fomentar projetos escolares que tenham o jornal como objeto/instrumento de ensino, fato que possibilitou a parceria com

as duas escolas pibidianas. Assim, foi a modelização teórica desse jornal que subsidiou a modelização didática do nosso jornal escolar, como podemos visualizar no Quadro 1:

Quadro 4: Síntese do processo de modelização do Jornal PIBID

| <p><b>MODELO TEÓRICO/CONTEXTO DE PRODUÇÃO:<br/>JORNAL FOLHA DE LONDRINA</b></p>  | <p><b>MODELO DIDÁTICO/CONTEXTO DE PRODUÇÃO:<br/>JORNAL ESCOLAR PIBID – Primeira Edição</b></p>   |
|--|--|
| <p><b>CONTEXTO DE PRODUÇÃO</b></p>   | <p><b>CONTEXTO DE PRODUÇÃO</b></p>   |
| <p>Jornal pertencente a uma instituição particular e com <b> fins comerciais </b> – preço do exemplar: R\$1,25 (segunda a sábado); R\$2,50 (domingo).<br/>A <b>esfera de circulação</b> é a do cotidiano dos leitores – casa, consultório médico, trabalho, etc.</p>   | <p>Jornal construído <b>colaborativamente</b> no ambiente de <b>ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa</b>, por alunos de duas escolas públicas, planejado e fomentado por um projeto vinculado ao PIBID, desenvolvido numa universidade estadual.<br/>A <b>esfera de circulação</b> é a da comunidade escolar.</p>  |
| <p>Os agentes-produtores dos textos veiculados pelo jornal são jornalistas, principalmente, locais; colunistas contratados; colaboradores externos e leitores. Porém, a responsabilidade enunciativa recai sempre sobre as editorias: geral e especializadas.</p>  | <p>Os agentes-produtores dos textos são alunos do Ensino Fundamental que “assumem” diversos papéis sociais: articulistas, jornalistas, leitores de jornais, etc. Porém, o jornal como um todo é fruto de uma rede colaborativa, por isso há vários coautores: a professora de sala de aula (professora supervisora do PIBID); alunos-pibidianos (que assumem, na intervenção, papel de professor-auxiliar).</p>  |
| <p>Os destinatários são leitores adultos, em geral, de uma classe social média-alta, inseridos em comunidades que têm acesso a letramentos de prestígio social, e que, geralmente, têm o hábito de assinar jornais impressos. Segundo <i>site</i> do jornal, ele atende mais de 300 municípios, dos 399 no Paraná, além de Mato Grosso e Sul de São Paulo, atingindo mais de 120 mil leitores por dia.</p>   | <p>Os destinatários pertencem à comunidade escolar, principalmente, os alunos das duas escolas envolvidas – é para eles que os textos são direcionados (distribuição gratuita).</p>  |
| <p>O objetivo é divulgar/comentar os acontecimentos recentes, com foco, sobretudo, na região de Londrina/PR.</p>   | <p>O objetivo, primeiramente, está condicionado ao letramento escolar de alunos do Ensino Fundamental, mas também coaduna propósitos inerentes ao objeto social de referência (o jornal impresso): relatar e comentar acontecimentos recentes. O foco são fatos e temas (sobretudo, locais) de interesse dos jovens.</p>   |
| <p><b>PLANO GLOBAL</b></p>   | <p><b>PLANO GLOBAL</b></p>   |
| <p>* <b>Páginas:</b> de 25 a 60 (média).<br/>* <b>Tiragem:</b> 40 mil exemplares diários.<br/>* <b>Formato:</b> 32cmX58cm, papel jornal.<br/>* <b>Folha-Capa:</b> chamadas e sumário.<br/>* <b>Cadernos:</b> Principal, Economia, Esportes, Cultural, Cidades, Classificados, etc.<br/>* <b>Seções:</b> Opinião, Política, Geral, etc.<br/>* <b>Colunas</b> diversas: assinadas ou vinculadas às editorias especializadas.<br/>* <b>Texto que “abre o jornal”:</b> editorial, gênero argumentativo que expressa o posicionamento do jornal em relação a um tema mobilizado por alguma matéria do jornal.<br/>* <b>Fotos:</b> a maioria com legenda, coloridas.</p> | <p>* <b>Páginas:</b> 8<br/>* <b>Tiragem:</b> 500 exemplares<br/>* <b>Formato:</b> 28cmX32cm, papel jornal.<br/>* <b>Folha-capa:</b> Sem chamadas; na primeira página é publicada uma carta ao leitor, expondo o subprojeto PIBID do Jornal Escolar.<br/>* <b>Cadernos:</b> não há.<br/>* <b>Seções:</b> as seções recebem os nomes dos gêneros.<br/>* <b>Colunas:</b> não há.<br/>* <b>Texto que “abre o jornal”:</b> carta ao leitor, gênero de apresentação do jornal e do projeto de ensino que o subsidia (colocado na capa do jornal).<br/>* <b>Fotos:</b> sempre com legenda, coloridas.</p> |

O Quadro 2 mostra, de forma bastante sintética, parte do processo de modelização didática do Jornal PIBID, Primeira Edição, sob o ponto de vista do contexto de produção e do plano global. Fazendo uma analogia entre o gênero como objeto de ensino e o jornal (hipergênero) como objeto unificador de um projeto escolar, recorremos à fala de Schneuwly e Dolz (2004b, p. 81): “Pelo fato de que o gênero funciona num outro lugar social [escola], diferente daquele em que foi originado [meio social], ele sofre, forçosamente, uma transformação. Ele não tem mais o mesmo sentido; ele é, principalmente, sempre [...] gênero a aprender, embora permaneça gênero para comunicar”. Trazendo para nosso contexto: o jornal, embora seja um objeto de referência social, com suas características prototípicas, seus propósitos comunicativos vinculados a uma determinada situacionalidade de produção, quando levado para o ambiente escolar como objeto de aprendizagem sofre, indubitavelmente, rupturas, adaptações para se “aclimatizar” ao novo contexto – agora com fins didáticos, no caso em questão, voltados para a aprendizagem da Língua Portuguesa e dos instrumentos de comunicação disponibilizados pelo arquitexto jornalístico.

Pelo Quadro 2 é possível visualizar a influência do contexto de produção no plano global dos dois jornais: um com fins comerciais, outro com fins didáticos; ambos pautados na centralidade dos propósitos desse veículo de comunicação: relatar e comentar acontecimentos/temas atuais. Ou seja, o jornal escolar é um “simulacro” do seu objeto de referência social, é nele que se pauta, mas sem perder de vista sua própria situação de produção – ambiente de ensino-aprendizagem de jovens.

Nesse processo de didatização, podemos destacar algumas decisões influenciaram o plano global do Jornal PIBID. Primeiro, a opção por não fazer uma capa prototípica de jornal, com chamadas e manchetes. Como nosso jornal não dispunha de muito espaço, não pudemos veicular muitos textos, ou seja, houve uma seleção de textos de alunos para a construção final do jornal. Nesse sentido, optamos por aproveitar a primeira página do jornal para veicular um texto produzido coletivamente por uma das turmas: uma carta ao leitor falando sobre o subprojeto PIBID. Essa decisão levou em conta o espaço do jornal e o fato de que se tivéssemos de eleger algumas matérias para virar manchete, estaríamos privilegiando alguns trabalhos em detrimento de outros. No que diz respeito a essa carta ao leitor, a decisão foi pautada também no contexto escolar. O nosso modelo teórico, assim como a maioria dos jornais comerciais, traz como texto de abertura o editorial: um texto argumentativo que veicula a opinião do jornal, por isso não assinado, e que explora um tema atual, geralmente, foco de uma das matérias da

mesma edição do jornal. No contexto de didatização do jornal, por não haver “editores”, mas alunos e pibidianos trabalhando colaborativamente, entendemos que esse gênero não teria um propósito dentro do jornal, uma vez que já tínhamos um grupo escrevendo artigos de opinião. Além disso, caso houvesse um editorial, esse deveria representar a opinião de todo o grupo, o que seria muito complicado para um projeto como o nosso que articula escolas e turmas diferentes. A carta ao leitor, texto que encabeça revistas que procuram uma interação mais próxima do leitor, um diálogo mais informal com seu público, nos pareceu a melhor opção para compor a capa do jornal escolar, pois poderia manter esse diálogo inicial com o leitor – comunidade escolar –, apresentando o subprojeto PIBID (sua primeira edição).

Outro ponto que podemos destacar é a decisão por não organizar o jornal por Cadernos, Seções e Colunas, pelo menos, não da forma tradicional como esses são tratados pelo jornalismo. A opção foi trazer os nomes dos gêneros como eixo organizador dos textos do jornal. Isso se deu, de certa forma, como uma estratégia didática, visto que os gêneros foram os objetos/ferramentas que conduziram os projetos de ensino (ver anexo).

### **Considerações Finais**

Acreditamos que o jornal escolar é uma opção didática que pode facilitar a entrada de gêneros jornalísticos em sala de aula, não pelo viés estruturador e redutor da noção de gêneros, mas como uma ferramenta de inserção social do aluno nas práticas comuns ao jornalismo: a investigação, a apuração dos fatos, o relato e exposição de fatos e temas de interesse social, a veiculação de pontos de vista diversos sobre um mesmo tema, etc.; e nas práticas transdisciplinares do jornalismo especializado, como o jornalismo cultural, o econômico, o esportivo, etc. O jornal escolar pode ser o objeto unificador de projetos colaborativos, como o exposto neste texto. Isso possibilita um diálogo importante para o atual cenário mundial da educação, em que o conhecimento não pode ser mais visto de forma estanque e compartimentado em disciplinas fechadas, e a cooperação é tida como essencial, já que é requisito para a realização de várias tarefas profissionais e interpessoais do mundo contemporâneo.

A experiência com o Jornal PIBID nos possibilitou, como pesquisadora, investigar como esse objeto pode e deve ser didatizado no contexto escolar, a fim de que possa se transformar numa ferramenta de protagonismos dos jovens que ali se expressam como alunos iniciantes, muitas vezes, não só na escrita de textos do/para o jornal, mas também na leitura desses textos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bakhtin, Mikhail. 2003. Gêneros do discurso. In: Bakhtin, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 261-306.
- Barros, Eliana Merlin D. de. 2012. *Transposição didática externa: a modelização do gênero na pesquisa colaborativa*. Raido, (UFGD), Dourados-MS, v.6, n.11, p.11-35.
- Bonini, Adair. 2003. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 205-231.
- Bonini, Adair. 2011. Jornal escolar: gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de Linguagem. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 149-175.
- Brasil. Ministério da Educação. 1998. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa*. Volume: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB.
- Brasil. 2006. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: SEB/MEC.
- Bronckart, Jean-Paul. 2003. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. reimpressão. São Paulo: EDUC.
- Bueno, Luzia. 2011. *Os gêneros jornalísticos e os livros didáticos*. Campinas: mercado das Letras.
- Chevallard, Yves. 1984. *Les processus de transposition didactique et leur théorisation*. Disponível em : <[http://yves.chevallard.free.fr/spip/spip/article.php3?id\\_article=114](http://yves.chevallard.free.fr/spip/spip/article.php3?id_article=114)>. Acesso em 17 jan. 2011.
- Clot, Yves. *A função psicológica do trabalho*. Trad. Adail Sobral. 2.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.
- Cunha, Rosana. 2010. O jornal escolar sob a ótica de gêneros e da formação continuada de professores. In: Vóvio, Cláudia; Sito, Luanda; De Grande, Paula (Org.). *Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em linguística aplicada*. Campinas, SP: Mercado de Letras.

Dias, Paulo da Rocha et al. 1998. Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal “Folha de S. Paulo” e da revista “Veja”. In: Congresso Brasileiro De Ciência Da Comunicação, 23., Recife. *Anais eletrônicos...* São Paulo: Intercom. Disponível em: <[www.intercom.org.br](http://www.intercom.org.br)>. Acesso em: 20 ago. 2013.

Dolz, Joaquim. 2009. *Claves para ensinar a escribir*. Leer.es. Disponível em <[http://leer.es/documents/235507/242734/art\\_prof\\_ep\\_eso\\_clavesparaensinaraescribir\\_joaquimdolz.pdf/36f29ff9-193b-4d9b-b0b3-c8cf7c7bbc93](http://leer.es/documents/235507/242734/art_prof_ep_eso_clavesparaensinaraescribir_joaquimdolz.pdf/36f29ff9-193b-4d9b-b0b3-c8cf7c7bbc93)>. Acesso em: 02 jun. 2010.

Dolz, Joaquim; Noverrraz, Michèle; Schneuwly, Bernard. 2004. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: Schneuwly, Bernard; Dolz, Joaquim (org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.

Faria, Maria Alice; Zanchetta Jr.; Juvenal. 2007. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto.

Fontana, Niura Maria; Paviani, Neires Maria S.; Pressanto, Isabel Maria P. 2009. *Práticas de linguagem: gêneros discursivos e interação*. Caxias do Sul: EDUSC.

Freinet, Celestin. 1974. *O jornal escolar*. Lisboa: Editorial Estampa.

Geraldi, João Wanderley. 2003. *Portos de passagem*. 4.ed. 4.tiragem. São Paulo: Martins Fontes.

Kleiman, Angela. 2000. O Processo de aculturação pela escrita: ensino da forma ou aprendizagem da função? In: Kleiman, A.B.; Signorini, I. (Org.). *O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos*. Porto Alegre: Artimed, p. 223-243.

Kleiman, Angela. 2005. *Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Campinas: Cefiel/IEL/Unicamp. Disponível em: <[http://www.iel.unicamp.br/cefiel/cursos/cursos\\_detalhes.php?codigo=10](http://www.iel.unicamp.br/cefiel/cursos/cursos_detalhes.php?codigo=10)>. Acesso em 20 jan. 2015.

Marcuschi, Luiz Antônio. 2008. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

Melo, José M. de 1985. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

Oliveira, Maria Do Socorro; Tinoco, Glícia Azevedo; Santos, Ivonete Bezerra de Araújo. 2011. *Projetos de Letramento e formAÇÃO de professores de língua materna*. Natal/RN: EDUFRN. Disponível em: <<http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/handle/1/11787>>. Acesso em 10 março 2015.

Paraná. Secretaria de Estado da Educação Básica. 2008. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Portuguesa*. Paraná: SEED.

Rojo, Roxane. 2009. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola.



Schneuwly, Bernard; Dolz, Joaquim (Org.) (2004a). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras.

Schneuwly, Bernard; Dolz, Joaquim (Org.) (2004b). Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: Schneuwly, Bernard; Dolz, Joaquim (Org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, p.71-91.

Vigotski, Lev Semenovich. 2008. *Pensamento e Linguagem*. Trad. Jefferson L. Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.

